



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



por TOUTINEGRA

Desenhos de A. CASTAÑE

COMO tal sucedera nem mesmo as próprias formiguinhas o sabiam! O certo é que, por artes mágicas, lhes apparecera um delicioso petisco à entrada do seu formigueiro, complicado labirinto subterrâneo, situado no cimo do pinhal do «Ti André».

Habituaadas a terem, por alimento, apenas algum bichito e, por sobremesa, o parco suco de qualquer florinha, aquelas pobres formigas até julgaram sonhar, apanhando-se a saborear migalhinhas de pão de ló, pedacinhos de doce de ovos e outros acepipes deliciosos. Verdade seja dita, haviam suado a valer para conseguirem transportar para os seus aposentos, tão boa petisqueira! Porém, finalmente, ali estavam, agora, todas reunidas a comer. E era lauto o banquete! Antes, todavia, mal se sentaram à mesa, a mais velha formiga, erguendo-se e agitando uma campainha, exclamava:—Recomendo a todos os convivas, em geral, e, especialmente, aos mais pequeninos que, em virtude do «menú» ser constituído por petiscos inteiramente desconhecidos, embora deliciosos, pois já os provei, não comam em demasia, porque tal excesso, além de atestar sempre má educação, lhes poderá fazer muito mal!

Todos aprovaram com a cabeça, pois nem tempo tinham para falar. O que é certo, porém, é que tão prudente conselho lhes entrou por um ouvido e lhes saiu pelo outro. Podia lá fazer mal uma coisa tão boa! — (diziam de si para si, enquanto, gulosamente, iam comendo). Sobretudo uma formiga, pequenina, ainda meúda, chamada «Fifi» e um seu irmão, o «Formicas», comiam, de tal modo, que, passado pouco tempo, as suas barrigas pareciam duas bolinhas. Por fim, terminado



o banquete, começou a festança. Os papás-formigas jogavam e discutiam política e negócios. As mães enumeravam os imensos defeitos das formigas-criadas. Os jovens dançavam ao som do célebre «Jazz-Formidável», enquanto os meúdos brincavam à cabra-cega. Tudo isto, porém, com pouca animação porque as difíceis digestões da papaça, principiavam a fazer-se, provocando sono e má disposição. Subitamente, porém, uma infernal gritaria alarmou a assistência. Eram a «Fifi» e

(Continua na página 3.)

ERA UMA VEZ...

O MENINO FELIZ

Por LUIZ FIGUEIREDO CORREIA PINTO

JOEL, era um menino muito inteligente, bondoso e bem intencionado. Aos seis anos entrou para a Escola e aos sete, quando se matriculou, já sabia ler e escrever, menos mal. Foi sempre muito bem comportado, sendo o exemplo modelar da Escola que frequentava. Muito estudioso e pontual, não faltava nunca à Escola e era o primeiro a entrar. Os seus livros e cadernos conservava-os sempre limpos, e o mesmo sucedia com o seu fato e calçado.

Nunca foi castigado antes pelo contrário, recebia, constantemente, os merecidos elogios do seu Professor. Um dia a caminho da Escola, que distava dois quilómetros da sua povoação, encontrou na estrada um cordão de ouro com medalhas e uma libra. Aponhou-o e correu, apressadamente, para a Escola. Entrou, cumprimentou respeitosamente o seu professor e entregou-lhe o cordão de ouro, dizendo-lhe que o achara na estrada, e que em virtude do sr. professor dizer, nas suas preleções, que devemos entregar ao seu dono tudo aquilo que acharmos, não sabendo de quem fôsse, resolvera entregá-lo ao sr. professor, para ser entregue ao seu dono, quando aparecesse a reclamá-lo, pois calculava o grande dissabor porque devia ter passado a pessoa que o perdera, principalmente se não era abastada.

O professor, chamou a atenção dos seus alunos para o lindo gesto do seu condiscipulo Joel, dizendo-lhes que fizessem todos assim, para merecerem sempre a estima das pessoas de bem e, abraçando Joel, acrescentou: procede sempre assim pela vida adiante, que a Providência se encarregará de te recompensar por tuas boas acções. No dia seguinte, apareceu na Escola uma mulherzinha, ainda nova, que disse ter perdido o cordão de ouro na estrada, quando corria com o seu único filho ao colo, a fim de chamar o médico, pois a criança estava muito doente.

Recebeu, então, o cordão, ficando muito reconhecida

e contente, beijando e abraçando o bom Joel. Daí a dois dias recebeu Joel um pão de ló e meio cento de ovos da dona do cordão.

Ele não queria aceitar, dizendo que não merecia coisa alguma, pois apenas cumprira o seu dever. Por fim a instâncias da boa mulher, aceitou o presente e, no dia



seguinte, levou o pão de ló ao seu professor, alegando que fora ele quem o encaminhara sempre para o Bem.

Em outra ocasião, estava sentado á beira da estrada, á hora do recreio, comendo o seu lanche, quando passou junto d'ele uma criancinha pobre a chorar com fome e a olhar muito para ele. O Joel, condóido do pobrezinho, pegou no seu lanche e deu-lho todo, apesar de também estar com fome. Quando chegou a casa a mãe disse-lhe: — vens doente, meu filho? Estás tão descorado!

Ele, então, contou-lhe o que tinha feito, pelo que a mãe, muito comovida, o abraçou e beijou, louvando-lhe a sua boa acção.

Aos 10 anos fez exame do 2.º gráu com distincção. Os pais, que não eram abastados, destinaram-no ao commercio. Do pouco que ganhava, mandava aos pais e ás suas duas irmãs, vários presentes. Mais tarde estabeleceu-se e tudo lhe correu sempre muito bem.

Casou com uma formosa menina, muito bondosa e educada, filha de uma familia muito honesta e digna, de quem teve um interessante casal. Pela lotaria do Natal comprou um décimo de bilhete, que lhe saiu premiado com 600 contos. Mandou aos pais 20 contos e ás duas irmãs, Joséia e Herminia, 25 contos a cada uma. A seguir, comprou um lindo prédio com quintal, na Linha do Estoril, onde vive muito feliz com a esposa e filhinhos.

Eis aqui realizada a profecia do professor, que hoje está aposentado e que muito se regosija com a felicidade do seu bom ex-aluno.

Procedam, também, pois, os meninos, sempre assim e a recompensa lhes virá.



A BONEQUINHA DA NECAS

por AUGUSTO DE SANTA-RITA



A bonequinha da Necas,
é das mais lindas bonecas
que até hoje se tem visto.

Não resisto
a descrevê-la,
tão engraçada ela é!

Gabriela,
— assim lhe chama,
a Nequinhas, sua ama,
ama sêca, já se vê;
e, a-pesar-de, pela idade,
não ser inda uma mulher,
gosta tanto, tanto dela,
como se ela, na verdade,
fôsse uma filha a valer.

Sua «toilette» tão rica,
é das mais «chics», pois trouxe-a
de Paris a tia Anica;
tem sapatos de pelica,

meias de fio de escócia,
uma farta e linda saia
com grinaldas de rosinhas
e com muitíssima roda;
uma blusa de cambraia,
toda de seda, às pintinhas,
a novidade da moda!

Chapéu de feltro, tamanho,
caseado a ponto largo
e todo a retroz bordado,
no mesmo estilo e desenho
do rico vestido a cargo
da fantasia e do engenho
dum costureiro afamado.

* * *
Quando, com ela, mão dada,
sai pela rua a passeio,
toda a gente, num enleio,
ao vê-la, tão enleada,
murmura com galanteio:

— «Que engraçada, que engraçada!...»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

BANQUETE FORMIGAL — (Continuado da pagina 1)

o «Formicas» que se reboavam com cólicas. Foi o primeiro sintoma da indigestão geral. Acto contínuo, todos os que haviam comido demasiado, se sentiram indispostos, gritando, também, cada qual para seu lado, num reboiço e confusão indescritíveis. Encheram-se os hospitais e os médicos andavam atarefadíssimos, sem poder salvar muitos d'êles que morreram com indigestões. Claro está que «Fifi» e «Formicas» foram d'êste número por haverem sido dos mais gulotões.

E agora, meus meninos, como remate desta

historieta, não quero deixar de recomendar-lhes também, como a formiguinha mais velha, e esperando que o meu conselho vos não entre por um ouvido para saír pelo outro:

— «Comam sempre com moderação, para não tirarem resultados idênticos aos destas formigas lambareiras, que comeram, em demasia, das migalhas do lanche de certos meninos que haviam estado nêsse pinhal, em certa deliciosa tarde.

TOUTINEGRA

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



Titô, tão loiro e tão alvo como a seara dourada e as eiras brancas ao luar, tão sequioso habituado a casa e a recolher, após a chegada do Sol, ao regaço macio da sua cama dourada, de espumantes e vaporosas rendas, saiu naquela tarde, pô ante pé, sózinho. Era tão quieta e serena naquela hora misteriosa, tudo era tão novo para Titô, que, andando sempre, deixou de ver a sua casinha branca mais o fiozinho de fumo da chaminé, que subia direitinho ao céu, como uma alma clarinha, sem mácula.

Sugestionado pelas histórias que a Avózinna, ao serão, lhe contava, o Titô, pequenino e medroso mas com a imaginação extraordinariamente exaltada, foi andando, andando sempre e eis que, de repente, extasiado, tonto, de olíbites palpitante, de ansiedade e pânico, entrou, confundido, misteriosamente, pela privilegiada mão de quilta Fada, num campo extenso, fantástico que viu desta maneira: — Árvores rólizas, bem feitas, esbeltas, reflectas de globos dourados semelhantes aos que ornamentam as árvores de Natal e que, docemente, se balouçavam embaladas por excepcional impulso. Os olhos de Titô abriram-se mais e mais e mais. E, à sua volta, numa apoteose de fogo, os globos dourados refulgiam ao Sol como cintilantes gotas de cristal, cobrindo-os aqui e ali! Era longo esse campo fantástico que Titô atravessou pasmado, nervosamente preso a mão da linda Fada, que, sorrindo sempre, o ia internando no seu país de sonho.

Caindo um globo dourado quando Titô, passando rente a uma árvore, lhe tocou, de súbito. Baixando-se, guardou-o na pequenina algibeira, ficando-lhe nas mãos um perfume delicioso!

— Fada! — perguntou ele extasiado — Tanto ouro! De quem é tanto ouro?

E ela respondeu, sorrindo misteriosamente:

— Cala-te. Depois te direi tudo...

Andando sempre, haviam deixado já o campo excepcional, quando, de súbito, Titô gritou, extasiado por novo e maravilhoso cenário. Os seus pés pisavam, agora, ouro, mas ouro partido em minúsculos grãos, como farinha moída em moinho encantado... E, um pouco mais além, num quadro irreal, deslumbrante, estendia-se um manto de esmeraldas e prata, uma paisagem quimérica, só admissível nos países de fadas, que Deus lhe concedia a Ventura de percorrer agora. Fascinado, Titô, batia as palmas, pulava, dando gritos seudos.

O manto de esmeraldas e prata, que brilhava ao contacto dos beijos fascinadores do Sol, ondulava continuamente, em contorções coléantes, preguiçosas, vindo morrer, aos pés de Titô, num arrastar de rendas prateadas. E, de novo recolhia, preguiçando-se todo, para voltar a estender-se, gargalhando baixinho, num farfalhar de sedas... Do fundo deste cenário maravilhoso, vinham vozes fantásticas, entoando canções alegres, risos cristalinos, como se um mundo sobrenatural existisse debaixo de tanto encantamento...

REINO DE M

POR GRACIETTE BRANCO

A Fada gosava, consoladoramente, a expressão deslumbrada de Titô.

Um cheiro forte, saudável e fresco, fazia dilatar as narinas do pequeno, enchendo-o de belas cores.

— Titô! — exclamou a Fada, — após os primeiros momentos de êxtase. — «Vamos!... Mostrar-te-hei mais maravilhas, que ainda desconheces!»

E, subitamente, entraram num mundo maravilhoso de hinos, cor e perfume...

Completamente rodeados por pequeninos novos, uns setinosos, outros aveludados, de variadíssimas cores, Titô e a sua extraordinária companheira caminhavam abraçados, ela sorrindo sempre, ele mudo, os olhos desmedidamente abertos, já sem uma exclamação, entontecido por tamanha Beleza! País lendário! Berço de Fadas e Príncipes encantados!

Estranhos, perturbantes, deliciosos perfumes se evoluavam de cada novelo setinoso, cada um de sua espécie, de sua inexplicável qualidade!

Que emoção desconhecida fazia estremecer Titô! Os perfumes entravam-lhe na alma numa carícia de fogo, afaçando-lhe os sentidos. E, de repente, por sobre a sua cabecita incandescente, uma divina orquestração, com acordes suavíssimos, sons harmoniosos, dir-se-ia entoados por anjos do Paraíso, começou enchendo o espaço todo.

Titô, de mãozinhas erguidas, exclamou, em voz baixa: — «A Avózinna não exagerou! É bem verdade que existe o Reino da Maravilha!»

E a Fada, sorrindo sempre, afastou-o da perturbante beleza...



MARAVILHA

— DESENHOS DE A. CASTANÊ

Começava a sentir-se, agora, uma leve aragem, que agitava os cabelos ondeados da criança e um novo cenário surgiu, subitamente, perante os seus olhotos espantados, olhotos que batiam as palmas, fortemente, no palpar das pálpebras...

Fios de prata e ouro enchiam totalmente um campo extensíssimo, interminável quasi. Ao brando fustigar da aragem, os longos fios, semelhantes, também, a cabelos dourados de crianças, curvavam-se em harmoniosas vérias como cumprimentando Titó e a sua excepcional amiga.

Rodeando este imponderável cenário de sonho e lenda, estendiam-se alvinitentes lençóis de linho, em cujos ângulos milhares de bagos doiro, refulgiam ao Sol!

A expressão de Titó comovia a Fada, que, suavemente, o apertou ao coração, enchendo-o de terníssimos beijos.

— «Vem, meu pequenino Titó. Quero mostrar-te mais uma maravilha. Olha para cima, Titó!»

Numa vertigem, tonto por tanta e desconhecida beleza, transportado ao deslumbramento máximo do Reino da Maravilha, ergueu a cabecita anciosa, deparando-se-lhe a mais extraordinária de todas as maravilhas que, até então, havia visto.

Milhares, milhões de brilhantes, maiores, muito maiores que os do colar da Mãisinha, cintilavam, fantásticamente, suspensos pelo espaço. Só uma imaginação e um poder sobrenaturais, poderiam ter realizado tanta grandeza e magnificência! Aqui, uns brilhantes maiores, outros mais pequenos além e, mais a distância, polvilhando o



espaço, todos os diamantes dos anéis e pulseiras das Mãzinhas ricas da Terra.

Mas o que mais deslumbrou Titó, foi uma bola enorme, toda coberta doiro, que cintilava ao centro, tornando mais assombrosa a olimpica apoteose.

— Fada! — gritou Titó, tremendo de entusiasmo. — Explica-me como pode realizar-se tanto deslumbramento! Explica-me todas as maravilhas que tenho visto no teu país irreal!

Espalhou-se mais, por todo o rosto, o sorriso da Fada, como alastrar de Sol por toda a Terra. E ciciando-lhe, ternamente, ao ouvido, naquela voz mais cantante e suave do que os regatos e as fontes, a Fada explicou:

— «Meu pequenino! As belezas que te tenho mostrado, não pertencem a nenhum país excepcional, donde julgas que vêm. O mundo que tu habitas, que nós habitamos, este mundo maravilhoso que é a Obra poderosa de Deus, reúne as mais assombrosas belezas, que tão bem consegui desvendar aos teus olhotos ansiosos de maravilhosos!

Não imagines belezas superiores às do mundo que habitas. E agora, uma por uma, deixa-me revelar-te as que te mostrei.

O campo fastástico, de árvores cobertas por globos dourados, são os laranjais do mundo, a que os olhos profanos não sabem ligar a verdadeira noção de Beleza.

A farinha dourada que pisámos e o extenso manto de esmeraldas e prata, são a praia e o mar bendito, o imenso mar, com o seu mundo oculto de Vida, nos milhares de peixes que o povôam e de riqueza na imensidade dos tesouros que guarda.

O cenário de novelinhos coloridos: — os jardins, uma das mais maravilhosas manifestações de beleza e os hinos que nos chegavam aos ouvidos: — todas as canções dos passaritos, essa orquestra alada e divina que já ouvimos sem lhe dar grande aprêço e que Deus tão bem imaginou, no seu vasto programa da criação do mundo!

O campo repleto de fios de prata e ouro: — as searas da tua terra, com eiras em redor, e, por último, a extraordinária apoteose de brilhantes suspensas no espaço: — o cenário deslumbrante duma noite de luar.

Que mais maravilhas exige a tua imaginação, meu pequenino?! Não há beleza superior a esta!

Aprende a ver, a apreciar, a sentir todas as belezas do mundo, todas as reliquias que Deus conseguiu reunir para prazer dos nossos olhos e dos nossos espíritos.

O mundo de fadas é este que tu habitas, meu pequenino! Fadas, são todas as pessoas boas. E agora, como só me faltou mostrar-te o céu por dentro, quero, também, levar-te lá, Titó.

E a Fada, numa doçura infinita, foi deitar o pequenino Titó nos braços de sua Mãe.

GRACIETTE BRANCO



■■■■ F I M ■■■■

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

VENCEDORES DA VI SERIE

Anibal Ortiz Martins, Cochicho, M. Verde, Piorra, Ego, Idílio, Ken Manard, Condessa Caganita, Delfina Pitorra, Manécas de St.º Amaro, Desportista, Alex, João B. Campina, Jor., Zé Delgado, Morgan e Nick-Carter, El-Magro, Ricardito, Micles de Tricles, Aramis, Zéca, Cisne de Salreu, Andorinha, 8.º Sablo da Grécia, Zéca-Brita, António Martins, Um de Marmelêta, Don Relusido, Diabrete, Lourdes Guerreiro, Manuela V., Serêno, Texas Jack, Marla do U, Perdígota de

Entre-Campos, Vencedor, Jacintinho, Mibel, Banaliz, Mascote, Pica-Pau, Abelha-mestra, Edith, Mary, N. Joyce, H. Moniz, Saricote, Don Fafe, Graca, Olho de Lince, Nécas, Fakir, Rei da Itália, El-Rei Gomos V, Maria de Lourdes, O Presbitero, Bucha e Estica, Leão das Selvas, Fidalgo dos Santos, Armando Saturnino, Bé, Pim-Pão, Ollva, Detective Amador, Brincalhão, Izabel Maria, Um obidense, Idalina Ribas.

Decifram 9 charadas: — José Hespanha, Lalita, Zarita, Lauro Adalberto, Mário G. Pereira, Patachon, D. Quixote, Zé Côdeas, Artur Cruz, Antero S. Ribeiro, Arsène Lupin, Águia Trancosana, Aprendiz, Tim-Tim, Berimbau, Marilete, Zéfiro, Tátá, Fagundes, Juju, Rucas, William, Troca-Tintas, Homem-Macaco, Arsène Lupin, Sherlock-Holmes, Zé Quitolas, Zécalculos, Doutor Charadista, Jorge Carlos, Um de Marmelêta, El-Bravo, D. Bibas, Zé Pistoroff, Pirarnan, D. José Caranguejo.

Decifram 8 charadas: — Dr. Pianança, Zé Fanfarrão, Lagarticha Nervosa, Lita, D. Quixote.

Decifram 7 charadas: — Rabeta, Futuro Almirante.

Decifram 6 charadas: — D. Quixote de la Mancha, Fernando Arantes Pereira, Neia.

VII Série

CHARADAS EM FRASE

- 1.ª — Nota que o laço tem proprietário. 1-1 *Imo Jacintinho*
 2.ª — O bambú que ele oferece é originário da América. 2-1 *Canada Leão das Selvas*
 3.ª — Noutro espaço de tempo que não agora travamos conversa. 2-2 *Paipes*

CHARADAS SINCOPADAS

- 4.ª — Neste aparelho de medição está uma ave de rapina. 3-2 *Fidalgo dos Santos*
 5.ª — Com esta perdasca tiro o pé ao tecido. 3-2 *Trepa-Trepa*
 6.ª — Está rodeado este javali. 3-2 *Ea aqui sei*

CHARADAS COMBINADAS

- 7.ª — + no = espaço de tempo
 — + no = tubo
 — + no = descanso *Jacintinho*

CHARADA DUPLA

- 8.ª — Requisitei este peixe por correspondencia. 2 *Carta El-Gordo*

ADIVINHAS

- 9 — Se tiver letra maiúscula
 E' uma terra portuguesa.
 Com letra minúscula escrito,
 E' um verbo com certeza...
 Pode ser um leitozinho,
 Chelo de encanto e beleza. *El-Rei Gomos V*
- 10 — Tem só seis letras um rio
 Situado em Portugal
 Substituindo a quinta,
 Forma um nome de animal.
 Substituindo a última,
 Ao animal obtido,
 Forma-se um nome de peixe
 Por sinal bem conhecido. *El-Rei Gomos V*

As soluções destes problemas, que estarão em nosso poder até às 18 horas do dia 8 de Outubro.

TIO TÓNIO

Rua do Século, 43
 LISBOA

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 348 (VI Série)

- 1.º — Girafa
 2.º — Lavrador ou cavador
 3.º — Pintoroxo
 4.º — Zanga-Zangão
 5.º — Moura-Mourão, Móra-Mórão, Pinho-Pinhão, Ferro-Ferrão, Lobo-Lobão, Pai-Paião, Cabeça-Cabeção, etc., etc.
 6.º — Marmelada
 7.º — Argélia
 8.º — Calçado
 9.º — Livro
 10.º — Pescada

No nosso último número, apesar de todo o cuidado com que é feita a revisão, escaparam as seguintes gralhas, que rectificamos:

Charada n.º 7 — Tem 3 sílabas em vez de 2.

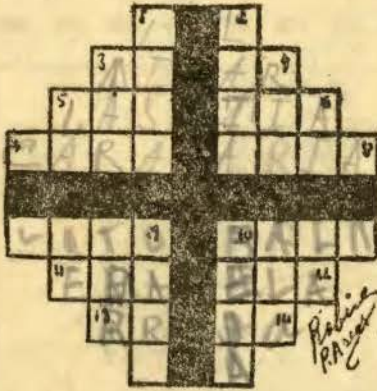
Charada n.º 8 — Cédula em vez de célula; mor em vez de amor.

As decifrações devem estar em nosso poder até ao dia 8 de Outubro e não 15 como vem anunciado. Agradeço a todos os «sobrinhos» as observações que me fizeram sobre este assunto, aos quais peço muita desculpa.

IMPORTANTE — Ego e Vencedor, figuram igualmente por engano como concorrentes com direito a sorteio, quando são simplesmente «perigosos competidores». São, portanto, apenas 6 os concorrentes com direito a sorteio, a quem pedimos a breve remessa do retrato.

PALAVRAS CRUZADAS

ADIVINHA



VERTICAIS

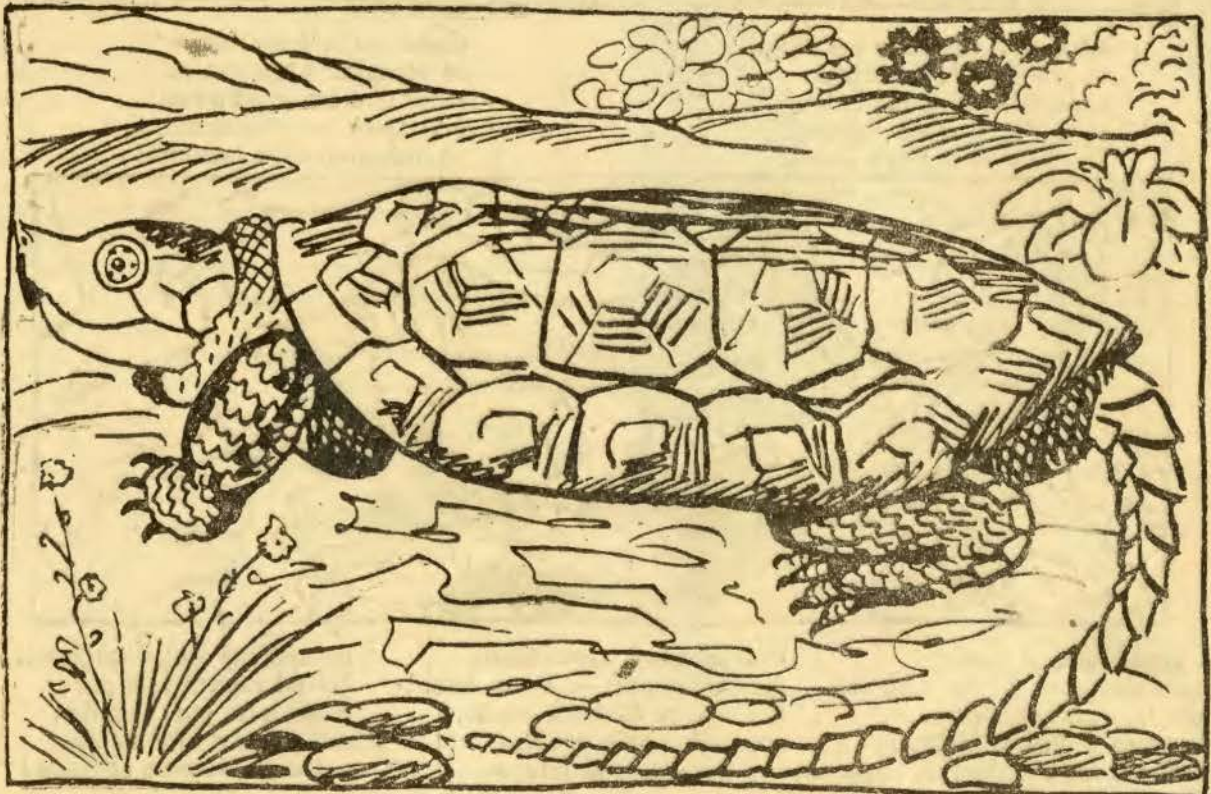
HORISONTAIS

- 1-Plana
- 2-Folha de latão batida
- 3-Grande extensão de água
- 4-Verbo
- 5-Adv. de lugar
- 6-Interjeição
- 9-Mulher que tem a seu cargo a educação de menores
- 10-Cidade portuguesa
- 11-Verbo
- 12-Nota musical
- 13-Verbo
- 14-Fila

- 3-Nota de musica
- 4-O que respiramos
- 5-Pello das ovelhas
- 6-Irmã do meu pai
- 7-Face
- 8-Composição lirica
- 9-Jogo
- 10-Bola de ferro
- 11-Nome proprio
- 12-Ant. de ele
- 13-Verbo
- 14-Neste momento

Lili resolve fingir de criada da sua boneca, mas, quando vinha buscá-la, notou que tinha desaparecido. Onde estará?

PARA OS MENINOS COLORIREM



O DOUTOR CHIMPANZE E SEUS CLIENTES



Meste Elefante, regente da orquestra piramidal tocando no imponente corêto municipal, adoeceu de repente.



Transportado ao consultório do esculápio Chimpanzé, um médico assás notório e em que todos tinham fé, por ser arguto e finório,



aguarda a vez, todo em febre, na grande sala de espera, onde estão já Dona Lebre, Dom Pôrco, Dona Pantera, Dona Cabra e Dona Zebra.



Corre, nisto, o reposteiro da consulta. Logo, em pé, todos querem ir primeiro; e arma-se um grande banzé, oh, que tremendo berreiro!



Acalmando-os, o doutor diz, entanto: — «É um instante, com licença, por favor... Primeiro o Mestre Elefante, visto ser ele o maior!...

Procedendo à auscultação, diz Chimpanzé: — «Tussa, tussa!» E o mestre Elefante, então, arreganhando a dentuça e a tromba, qual furação,

de repente faz: — «atchim!...» Dá tal espirro sem par e tão forte que, por fim, vão todos e tudo ao ar, entre um enorme chinfrim!